

TOTALITARISMO COMO VIOLÊNCIA EM HANNAH ARENDT

TOTALITARISM AS VIOLENCE IN HANNAH ARENDT

*Abimael F. Nascimento*¹

Resumo: O pensamento de Hannah Arendt parte de uma profunda análise da desintegração social europeia que deu origem aos modelos totalitários de governo. Os elementos que o presente artigo analisa é o contexto da obra de Arendt, os conceitos mais generalizados de totalitarismo e os elementos de sustentação desse modelo de poder estatal, contudo, a maior intriga não se dá no fato do Estado totalitário ser violento, mas em constatar, a partir de obra de Arendt, que parcela da nação sustenta a permanência desse Estado, sendo assim, apenas uma realização de uma considerável parcela da população.

Palavras-Chave: Estado. Totalitarismo. Massa. Violência.

Abstract: The thought of Hannah Arendt part of a deep analysis of the European social disintegration that gave rise to totalitarian models of Government. The elements that the present article looks at is the context of the work of Arendt, the most widespread concepts of totalitarianism and support elements of this model of State power, however, the biggest intrigue doesn't get the fact that totalitarian State being violent, but to find, from the work of Arendt, that portion of the nation maintains the permanence of that State, and thus, only an achievement of a considerable portion of the population.

Keywords: State. Totalitarianism. Population Mass. Violence.

1. Introdução

O pensamento de Hannah Arendt (1906-1975) sobre o totalitarismo provém de uma análise histórico-política, em busca das bases de construção e sustentação desse modelo político, daí, ao invés de sua análise partir de seu envolvimento como judia, ela faz uma verdadeira e lúcida narrativa do que seja o totalitarismo, estabelecendo uma vinculação entre o pensar e o acontecido, porque, para ela, o acontecimento desperta o pensar, ou seja, “nas provações impostas pelos acontecimentos, tomamos conhecimento do que é para nós inaceitável e a interpretação desta experiência torna-se tese e filosofia”². Arendt passa a analisar o hitlerismo e o stalinismo não mais sob a égide dos estados modernos absolutistas, mas como o desconhecido, como uma nova forma de

¹ Mestre em Teologia Sistemática (PUC-SP); Especialista em Filosofia e Psicopedagogia e Mestrando em Filosofia pela UFC.

² LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**. Tradução Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 65.

movimento, que ela chama de totalitarismo, um movimento político fundado na organização das massas, a partir de figuras políticas e a propaganda contra os inimigos.

O lugar de se encontrar o tema do totalitarismo, mais especificamente, em Arendt é em *Origens do Totalitarismo* (1959), lá, ela faz um apanhado histórico do processo de construção dos totalitarismos que emergiram na Europa após a primeira guerra mundial. Sua exposição se detém nos modelos stalinista e hitlerista, como modelos totalitários semelhantes, aliás, “esse conjunto constitui a primeira análise desenvolvida dos elementos e da convergência dos acontecimentos que permitiram chegar ao conceito de ‘dominação total’³”; a sua análise abre mão do regime de Mussolini, reconhecido como autoritário, mas não totalitário, como Arendt compreende⁴, porque, no seu entender, Mussolini buscava uma tomada do poder, ou seja, “o verdadeiro objetivo do fascismo era apenas a tomada do poder e a instalação da ‘elite’ fascista no governo”⁵, ao contrário do totalitarismo, que tem um programa de governo mais complexo. Ela também se ocupa da diferenciação entre o movimento totalitário e um governo totalitário. Seriam dois momentos distintos, mas que levam ao mesmo fim violento por meio do controle das massas.

O presente texto se propõe a fazer uma leitura da compreensão de totalitarismo em Arendt como uma violência, isto é, esse modelo de governança se fez concreto e possui forte tendência a se realizar em qualquer Estado, daí a importância de compreender os processos de construção e sustentação, para se olhar a realidade geopolítica com maior criticidade.

O texto pretende entender em um primeiro momento a construção da obra de Arendt e seu contexto; em um segundo se dispõe a expor o conceito filosófico de totalitarismo, para logo depois tratar algumas categorias da identidade do totalitarismo, tais como o conceito de massa, propaganda e infalibilidade do líder.

É uma breve exposição que não tem a pretensão de esgotar o tema, mas deixar o desejo de aprofundamento. O método utilizado é o de pesquisa bibliográfica, com seus recursos de levantamento bibliográfico e citações, para favorecer o diálogo com a pensadora.

³ CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**. Tradução Glória de C. Lins e Manoel Ferreira Paulino. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993, p. 34.

⁴ Cf.: COMPARATO, Fabio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 370-371.

⁵ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 455.

2. Hannah Arendt: uma judia no exílio

Arendt era de família judia, trazendo do judaísmo mais uma condição que propriamente os traços culturais e religiosos, daí se dizer que pertencia ao judaísmo assimilado, ou seja, tinha vivido o processo de integração cultural e intelectual em uma Alemanha influenciada por grandes filósofos como Hegel, Kant, Feuerbach, Husserl e Heidegger, contudo, com o avanço do nazismo teve que migrar para a França e depois aos Estados Unidos⁶, de onde pode olhar mais profundamente o que seria a condição judaica e os modelos de governos totalitários⁷. Sua biografia demonstra um movimento de ascensão rumo à teoria política, marcada profundamente pela obra “*Origens do Totalitarismo*”,

The Origins traz a marca de uma personalidade cuja biografia justifica o propósito e esclarece o método. Se a presença da grande filosofia alemã marca-lhe o pensamento, particularmente a de seus mestres Heidegger e Jaspers, Arendt define a si mesma como uma teórica política, sua vocação tem sido despertada quando, depois de ter defendido uma tese sobre Santo Agostinho (1929), ela se viu aos vinte e sete anos, em 1933, ‘uma judia alemã enxotada pelos nazistas’, exilada na França (1933), depois nos Estados Unidos (1941), continuou a resistir por meio de ‘trabalhos concretos’ e colaborando por vinte anos com organizações judaicas.⁸

No mundo acadêmico alemão, Arendt teve forte contato com a ontologia heideggeriana, o que mais tarde lhe legou uma reorientação ontológica, isto é, não uma ontologia do Um, mas de uma pluralidade de identidades, de sorte que a vida social é regida pela particularidade de cada existência⁹, mas cada um possui a mesma condição humana, ou seja, ser diferente na identidade não elimina a dignidade humana de nenhuma pessoa. Com isso, ela impõe uma forte crítica aos sistemas totalitários, regidos pela ontologia do igual.

⁶ OLIVEIRA, Luciano. **10 lições sobre Hannah Arendt**, 3ª ed. Petrópolis-Rj: Vozes, 2013, p. 22: “judia assimilada numa Alemanha em que o antissemitismo, apesar da ‘emancipação dos judeus’, larvava, Arendt tornou-se uma judia errante com a ascensão do nazismo ao poder.”

⁷ AGUIAR, Odilo Alves. A tipificação do totalitarismo segundo Hannah Arendt. Curitiba, São Carlos-SP. **Dois pontos**, vol. 5, n. 2, 2008, p. 75: “A percepção do surgimento de uma modalidade de controle e dominação dos humanos, perpassada pela lógica da violência, guerra e morte, foi a grande intuição de Arendt em *Origens*. Essa é a razão dela ter ido muito além de uma visão judaica da experiência totalitária, embora sem a sua condição de judia dificilmente teria chegado aonde chegou para a compreensão do fenômeno.”

⁸ CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**, p. 35.

⁹ Cf.: LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**, p. 75.

Filha de uma Alemanha onde os judeus tinham um lugar social, viveu como grande golpe a saída desta terra, mesmo porque sua compreensão de exílio não passava pela interpretação religiosa em relação à terra de Israel, mas pelo seu mundo cultural secularizado na Alemanha do século XX. Todavia, em virtude de sua determinação em entender o que foi o movimento totalitário, passou de uma exilada a uma referência no entendimento do totalitarismo. Seus escritos versam no ambiente da filosofia política, alguns podem ser alocados como narrativas históricas, inclusive com dados ainda sob suspeita, dada a proximidade dos fatos¹⁰, porém, o esforço maior da pensadora é analisar de forma original o que aconteceu e o entendimento do processo que permitiu que o totalitarismo fosse possível¹¹.

A vida de Arendt nos Estados Unidos foi demasiado relevante para a construção de sua análise do totalitarismo, pois lá, conheceu mais de perto um grupo de intelectuais judeus que a foram introduzindo na “questão judaica”¹², também pelo acesso a outros exilados, seja do regime comunista ou nazista, que lhe traziam informações sobre o que teriam sido esses regimes. No pós-guerra teve ela acesso a vários textos e testemunhos que lhe fizeram organizar melhor uma compreensão do regime totalitário¹³.

A pesquisa de Arendt frutificou em várias análises e exposições, sobretudo em *Origens do Totalitarismo*, que dispõe de boa parte do resultado de sua pesquisa e análise, sendo utilizada por muitos comentadores para compreenderem e criticarem o sistema totalitário. Essa obra data de final da década de cinquenta do século XX, isto é, cerca de dez anos da caída de Hitler e do sistema nazista. O prefácio sobre o totalitarismo, também da própria autora, é uma defesa da necessidade da análise dos

¹⁰ Cf.: VICENTE, J.J.N.B. Hannah Arendt: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. **Ensaios Filosóficos**, v. VI, outubro, 2012, p. 145.

¹¹ *Ibidem*, p. 151: “Desta forma, através de um método perfeitamente original, Hannah Arendt se esforça para analisar esses elementos que se cristalizaram no totalitarismo, onde vê fundamentalmente, um regime perfeitamente novo, de maneira alguma pré – formado ou virtualmente presente em suas “causas”. Por isso o livro *Origens do totalitarismo* não deve ser considerado como uma história do totalitarismo, mas uma análise em termos históricos dos elementos que cristalizaram no totalitarismo. Além da ruptura, a historiografia arendtiana do totalitarismo é orientada também, por uma outra premissa, a saber, é o evento em sua cristalização presente que ilumina o seu passado, permitindo que se encontrem as suas origens.”

¹² Diz respeito às perguntas sobre a identidade, ao lugar que o judeu ocupa no mundo: o que significa ser judeu no mundo contemporâneo? – O que é o antissemitismo? – e após o holocausto, pode-se também perguntar: por que o ódio nazista contra os judeus? – O ódio nazista tem o mesmo mundo simbólico do preconceito religioso medieval em relação aos judeus?

¹³ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 415: “a derrota da Alemanha nazista pôs fim a um capítulo da história. O momento parecia apropriado para olhar os eventos contemporâneos com a retrospectiva do historiador e com o zelo analítico do cientista político, a primeira oportunidade para tentar narrar e compreender o que havia acontecido- não *sine ira et studio*, e sim com desgosto e pesar e, portanto, com certa tendência à lamentação, mas já sem a cólera muda e sem o horror impotente.”

documentos utilizados¹⁴, recusando-se, quase totalmente, a usar os textos de membros do próprio sistema, como diz ela,

o único tipo de literatura que, com raras exceções, propositadamente omiti são as diversas memórias publicadas por antigos generais e altos funcionários nazistas após o fim da guerra, pois é perfeitamente compreensível que esse tipo de apologia não prime pela honestidade. Se isso não deve eliminá-lo de nossas considerações, a falta de compreensão que essas reminiscências demonstram quanto ao que estava realmente no curso dos acontecimentos é verdadeiramente espantosa e rouba-lhes todo o interesse, a ser, talvez, para os psicólogos.¹⁵

Arendt encerra seu prefácio à última parte de *Origens do Totalitarismo*, exatamente considerando a historicidade dos eventos, mesmo os maus; dizendo ela que “a história que este livro vai contar e os eventos que procura interpretar e compreender chegaram a um fim pelo menos provisório”¹⁶. Aqui o grande problema para o mundo atual é o termo “provisório”, pois sempre há novamente a tentativa de tiranias, de mecanismos sociais que possam estruturar uma violência semelhante ao hitlerismo; daí a importância de sempre novamente entender o que seja e como se dá um Estado totalitário.

3. Totalitarismo: o que é isto?

Para a definição de totalitarismo utilizaremos alguns autores que tematizam o conceito e suas características, sendo que a referência primeira é Arendt. No que toca a Abbagnano, totalitarismo é,

teoria ou prática do Estado totalitário, vale dizer, do Estado que pretende identificar-se com a vida dos seus cidadãos. Esse termo foi cunhado para designar o fascismo italiano e o nazismo alemão. Às vezes também é usado para designar qualquer doutrina absolutista, em qualquer campo a que se refira [...]. Muitas vezes, por extensão, entende-se por T. qualquer forma do absolutismo doutrinário ou político.¹⁷

¹⁴ Cf.: Ibidem, p. 421.

¹⁵ Ibidem, p. 421.

¹⁶ Ibidem, p. 433.

¹⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia. Totalitarismo**. São Paulo: wmfMartinsfontes, 2012, p. 1147.

Esta definição é bastante sucinta, dada a complexidade de uma realidade totalitária, contudo traz alguns elementos relevantes, todavia, nos surge como mais intrigante quando se diz: “Estado que pretende identificar-se com a vida dos cidadãos”; o que se viu na história foi exatamente algo semelhante ao exposto por Abbagnano, os totalitarismos europeus capitanearam as insatisfações de grande parcela da população, como por exemplo, o já conhecido antissemitismo, e levaram esses sentimentos de intolerância e xenofobia à máquina estatal, isto é, aquilo que seria uma violência silenciosa e individual, tornou-se um programa de governo, aliando de forma cabal a vontade de muitos e o absolutismo do líder.

Pelo fato de o totalitarismo assumir para si, como projeto de governo, a vontade de parcela da população, ele se legitima e se reforça por uma doutrinação e por um programa político, encontrando adeptos entre os que veem nesse modelo a saída para diversos problemas de desagregação social, dado que uma das esperanças alarmadas pela doutrina totalitária, tem sido, na história, a pretensa unidade da nação e o seu bem, como para os seus cidadãos. Incluindo, assim, no seu modo de ação a capacidade de agregar insatisfações de parte da população e torná-las solucionáveis.

A definição de Abbagnano elenca traços significativos sobre o totalitarismo. Já Fábio Comparato se detém mais longamente em descrever as características do que seja esse modelo político. Para Comparato, o Estado totalitário teria sido uma novidade no interior da história política da humanidade, de sorte que tal modelo trouxe o esquecimento da ética e o domínio onipotente do Estado sobre a vida da sociedade, pois “tudo passou a fazer parte da estrutura estatal”¹⁸, a partir do sistema de superação de uma crise social, que Arendt chama de desagregação, assim,

o que caracteriza o totalitarismo é o fato – sem precedentes na História- da destruição, por obra do poder público, das estruturas mentais e institucionais de todo um povo, [vir] acompanhada da tentativa de reconstrução, a partir dessa terra arrasada, de mentalidades e instituições inteiramente novas.¹⁹

Nessa caracterização, Comparato se aproxima de Abbagnano se interpretarmos que o Estado totalitário pretende fazer a “vontade” da sociedade, mas exigindo uma “reconstrução”, no caso histórico do nazismo, por meio do reestabelecimento de uma raça pura, de um nacionalismo que prometia a integração, expansão e desenvolvimento

¹⁸ COMPARATO, Fabio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 368.

¹⁹ *Ibidem*, 370.

da nação. O entrave está na eliminação dos que esse sistema elege como obstáculo à nova e gloriosa realidade, daí a lógica dos extermínios em massa, a destruição em vista de um novo, alegadamente, mais evoluído, desenvolvido. De modo que “na preparação da experiência totalitária, um papel não desprezível deve ser atribuído às ideias de reconstrução total da sociedade, as quais medraram na Europa no curso do século XIX”²⁰.

Na interpretação presente no *Dicionário de obras políticas*, o totalitarismo se apresenta realmente como uma proposta de renovação, de reconstrução a partir da experiência de desmoronamento de toda uma realidade social. O totalitarismo se aproveita do estado frágil da sociedade e se coloca como solução plausível²¹.

A proposta de reconstrução encontra espaço nas sociedades em crise, seja na ordem econômica ou de desagregação social. A Europa após a primeira guerra mundial se tornou o cenário favorável às ideias de restauração, sobretudo porque o nivelamento europeu, nos fronts da primeira guerra, encarado como “ação coletiva”²², gerou a atração pelo ativismo; havia uma parcela da população que esperava reconstruir seu *status quo* a partir de um ativismo que dava às pessoas a condição de ser; parecia responder às perguntas sobre o destino; Arendt entende que de fato, “o ativismo parecia fornecer novas respostas à velha e incomoda pergunta ‘quem sou eu?’”²³. O totalitarismo assume essa vanguarda ativista e se propõe a reordenar a sociedade superando o mal, propondo o bem. Segundo Arendt “Hitler apelou quase exclusivamente para esses sentimentos de vanguarda”²⁴. Portanto, sem uma destruturação que formasse uma população massificada, dificilmente teria sido possível a política de domínio total,

o totalitarismo só pode estabelecer sua dominação sobre as massas modernas [...] procedentes de um desmoronamento do sistema de classes e da confusão das ramificações sociais para as quais contribuíram a guerra, o desemprego e a inflação. Uma vez dissolvidas as estruturas estáveis em que o homem encontrava tradicionalmente seus pontos de referência, esses grupamentos de homens sem qualidades formam o instrumento ideal dos regimes que exigem menos convicção do que a neutralidade dos indivíduos

²⁰ Ibidem, p. 379.

²¹ Cf.: CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**, p. 39.

²² ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 461.

²³ Ibidem, p. 461.

²⁴ Ibidem, p. 461.

massacrados juntos, até constituírem-se em ‘um homem único de dimensões gigantescas’.²⁵

Para Lefort, a partir da leitura de Arendt, totalitarismo, pode-se entender que contempla as características levantadas por Abbagnano, Comparato e Châtelet, mas ele acrescenta um outro elemento: superação entre o público e o privado. Há um assumir recíproco, um movimento de unidade entre a esfera privada e a esfera pública, mas ambas são ordenadas pela dominação totalitária. Ela, a dominação, ampara e dá sentido interno à realidade e ao ativismo,

lá onde foi apagada a distinção entre público e privado, também desapareceu tanto o domínio público quanto o domínio privado. O que surge, em contrapartida, é algo que se poderia chamar de ‘social’ como vasta organização, rede de múltiplas relações de dependência, cujo funcionamento é comandado por um aparelho dominante.²⁶

Portanto, seja no mundo comunista, seja no mundo nazista, o totalitarismo forjou uma superação da crise por meio da ocupação do Estado e o modo totalitário de governo; tudo sob a custódia do Estado e mais especificamente do líder de governo; sabendo, contanto, segundo Arendt, que o totalitarismo é diferente das tiranias monárquicas da modernidade, pelo seu modelo pragmático ele não é um despotismo moldado ou sustentado pelas experiências de tiranias que a Europa já tinha vivido, de sorte que,

as tiranias do passado consideravam todos os adversários políticos como inimigos do tirano e, portanto, passíveis de eliminação. No ambiente totalitário, esse esquema dualista, que opõe tirano aos seus inimigos, é substituído pela brutal oposição entre o Estado burocrático e a totalidade do povo. A perseguição aos inimigos do regime, na loucura ideológica de nazistas e comunistas, cedo transformou-se em oposição absoluta entre o bem e o mal.²⁷

Há uma nova prática de violência, um dualismo pragmático que se desenvolve em uma luta desproporcional: o Estado e o mal eleito pelo Estado. É um maniqueísmo como política de Estado, que se executa caracteristicamente pelo extermínio do que é entendido como mal, seja uma classe de camponeses no stalinismo, sejam judeus, ciganos, pessoas com deficiência, homossexuais, católicos e protestantes oponentes a

²⁵ CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**, p. 39.

²⁶ LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**, p. 68.

²⁷ COMPARATO, Fabio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**, p. 372.

esta política e intelectuais, no nazismo. Enfim, é o Estado como agente legitimador de uma violência brutal.

A violência do Estado totalitário se fundamenta nas suas leis, na sua propaganda e se sustenta pelo apoio de parcela da população. Isso se dá porque o Estado totalitário pretende ‘recriar’ a humanidade, realizar uma seleção qualitativa para o bem da nação, para isso é preciso o domínio total, tudo está sob seu governo. Lefort caracteriza esse modelo político do seguinte modo,

o totalitarismo é, ao que parece, um regime no qual tudo se apresenta como político: o jurídico, o econômico, o científico, o pedagógico [...] O totalitarismo aparece como sendo o regime no qual todas as coisas se tornam públicas [...] O que impede o totalitarismo de vir a ser confundido com uma vulgar tirania é não podermos tratá-lo como um tipo de governo arbitrário à medida que está referido a uma lei; à ideia mesma de uma lei absoluta, lei que não tem relação alguma com a interpretação dos homens, aqui e agora: a lei da História no totalitarismo de tipo comunista; a lei da Vida no totalitarismo de tipo nazista. Nesse regime, parece ainda que a ação é o valor dominante, já que o povo deve ser mobilizado, e ser mantido em constante movimento, para as tarefas de interesse geral. Também é um regime no qual reina o discurso. Por fim, é um regime que se apresenta como revolucionário, um regime que faz tábula rasa do passado e que se devota à criação do ‘novo homem’.²⁸

No geral, entre os comentadores, como os aqui citados, totalitarismo é visto como um tema ligado rigorosamente ao Estado, assim, não há no movimento totalitário uma sobrevida significativa, salvo se o Estado o assumir. Mas há algo que dá sustentação a este modelo de Estado, que são as massas, a propaganda e a figura do líder. Isso se pode compreender melhor lendo Hannah Arendt, em vista de contemplar uma violência de Estado consentida por uma parcela da população.

4. Elementos do Totalitarismo em Arendt

O esforço empreendido por Arendt tem sido, como visto, relevante²⁹, a tanto que muito se tem produzido a partir de seus escritos. Esse seu esforço de entender o

²⁸ LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**, p. 67

²⁹ *Ibidem*, p. 63: “Hannah Arendt logo foi reconhecida como uma grande pensadora política, nos Estados Unidos [...] ao contrário na França, onde muitas de suas obras foram traduzidas, surpreende que tenha sido ignorada durante tanto tempo.”

processo³⁰ do totalitarismo é um grande contributo à história, em vista de que algo dessa natureza não se repita, o que exige conhecimento³¹ das estruturas que construíram e sustentaram o totalitarismo na Alemanha de Hitler e na União Soviética de Stálin.

Nas considerações de caracterização do regime totalitário uma das informações importantes e pelas quais Arendt sofreu fortes críticas, é que ela vê tanto o nazismo alemão quanto o comunismo de Stálin regidos por este sistema, isto é, ambos são totalitários, no entanto, os defensores do comunismo como modelo de redenção frente ao capitalismo não entenderam e tampouco aceitaram tal classificação, sobretudo alegando que ela conhecia pouco o regime soviético³². Contudo, a sua análise está baseada em elementos históricos tanto referentes ao hitlerismo, quanto ao stalinismo³³, pelo que se sustenta a sua defesa. Outro detalhe é a vigorosa defesa de que o modelo de governo totalitário seria um evento novo, de sorte que não seria uma simples tirania ou ditadura,

o que é importante em nosso contexto é que o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos ‘teóricos’, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir. Assim temos todos os motivos para usar a palavra ‘totalitarismo’ com cautela.³⁴

O cuidado de Arendt é exatamente evitar que se veja o modelo estudado como um avanço ou retrocesso de processos políticos anteriores. Para ela o totalitarismo é uma verdadeira novidade³⁵ e como tal, traz elementos novos para a vida política, um deles é o de massificação³⁶; diz Arendt que “os movimentos totalitários objetivam e

³⁰ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 415: “era, pelo menos, o primeiro momento em que se podia elaborar e articular as perguntas com as quais a minha geração havia sido obrigada a viver a maior parte da vida adulta: *o que havia acontecido? Por que havia acontecido? Como pôde ter acontecido?*”

³¹ Cf.: SOUZA, Ricardo L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos. Vitória da Conquista. **Politeia: Hist. e Sociol.**, v. 7, n. 1, 2007, p. 244: “O conceito de totalitarismo proposto por Arendt não visa reduzir o incomum à esfera da normalidade, mas, pelo contrário, compreendê-lo como fenômeno absolutamente sem precedentes (Brudny-de Launay, 1998, p. 44). E o que significa, para a autora, compreendê-lo? Segundo Reis (2003, p. 217), “compreender o totalitarismo não seria perdô-lo, mas nos reconciliar com um mundo em que tal evento ou processo de eventos foi possível. Compreendê-lo seria julgá-lo nos termos cristãos e dos direitos humanos da própria Europa.”

³² Cf.: OLIVEIRA, Luciano. **10 Lições sobre Hannah Arendt**, p. 42-43.

³³ Cf.: ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 416-417.

³⁴ *Ibidem*, 420.

³⁵ Cf.: VICENTE, J.J.N.B. A singularidade do totalitarismo em Hannah Arendt. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 122, p. 55.

³⁶ Cf.: SOUZA, Ricardo L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos, p. 246.

conseguem organizar as massas”³⁷, e mais ainda, sua consideração deixa claro que em países com pouca população não é possível instalar-se um sistema dessa natureza, visto que precisa de um excedente populacional que possa ser exterminado, mas sem “prejuízo” demográfico, por isso continua, “somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário”³⁸. A Alemanha de Hitler e a União Soviética de Stálin eram países com densa população, onde o sistema pôde eleger uma parcela sobrando, passível de extermínio.

O entendimento de massa não é somente um elemento numérico, mas de sustentação desse modelo, pois o que começa como movimento, com a participação da massa, é levado por ela e sustentado como governo. A massificação da população por meio de ideologias seria uma das novidades deste sistema, para Arendt,

as massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número ou à sua indiferença, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum.³⁹

A massificação é uma aglomeração amorfa, sem conteúdo consistente, seria a fotografia mais clara de uma sociedade desintegrada, o que era realidade no mundo soviético e alemão dos anos vinte e trinta do século XX. O totalitarismo, enquanto movimento tem o poder de articular esse corpo e capitalizar dentro do seu programa, por propor a integração desejada, como expressa Arendt. Na relação entre a rale e a elite, na massa, reina uma indiferença à diferença, não na ordem da consciência, mas devido a aglomeração amorfa, que é típica da massificação. De modo que “os padrões do homem da massa são determinados não apenas pela classe [...], mas acima de tudo por influências e convicções gerais que são tácitas e silenciosamente compartilhadas por todas as classes da sociedade”⁴⁰. Para a nossa pensadora, o movimento totalitário sistematizou sua influência sobre a massa, automatizando a população, afinal de contas, para Arendt, “os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos

³⁷ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, 436.

³⁸ *Ibidem*, p. 438.

³⁹ *Ibidem*, p. 439.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 442.

atomizados e isolados”⁴¹, sem pertencimento ou senso de convivência como agremiação ou outra convenção de tipo partidária. É um corpo esporádico, tecido pelo isolamento das partes, mas sustentando uma ideologia totalitária.

A massa é, na análise de Arendt, um dos fundamentos do totalitarismo, por isso marca a diferenciação com outros modelos de dominação política. A massa assume uma unanimidade sem se dar conta das diferenças. Há um sentimento comum, direcionado para um desejo comum que é forjado pelo próprio movimento e depois assumido pelo governo totalitário. A crítica ao Um, imposta por Arendt é também uma crítica à massificação,

a massa é, para Arendt, a negativa perfeita da estrutura diferenciada que é um povo. A massa livra-se facilmente da influência de um poder que se dedica a modificar a unanimidade pela mistura das multidões, das quais toda dimensão da comunidade, assim como toda divisão, deve ser banida.⁴²

A massificação tem seu primeiro momento na organização e vivência do movimento, o que é anterior ao governo, aliás, é o movimento com seu poder de convencimento e expansão que levará a razão totalitária até a ocupação da administração pública. O movimento é quem congrega os despolitizados e desperta para o agrupamento. Seus discursos alimentam um imaginário de grande parte da população, assim, “o totalitarismo, segundo lemos em H. Arendt, nasce de uma sociedade despolitizada”⁴³, mas cheia de questionamentos, repleta de incertezas. Seu horizonte político é resolver os problemas imediatos, aquilo que está afetando sua vida pessoal. Daí porque o movimento discursar sobre a superação de uma crise, devido ao desejo de resolução que há numa sociedade desagregada, o que levará, com sucesso, o movimento ao governo.

E mesmo no governo, o sistema totalitário segue como movimento, obedecendo a uma “vocação” de expansão, conquistando e agregando novos adeptos e territórios⁴⁴. Ele se põe como uma escola política, um modelo a ser imitado e pretende criar vínculos com modelos similares, tal como ocorreu entre Stálin e Hitler. Esse movimento de massificação leva ao governo uma novidade na relação, ele se relaciona com as massas

⁴¹ Ibidem, p. 454.

⁴² CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **Dicionário de obras políticas**, p. 40.

⁴³ LEFORT, Claude. **Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade**, p. 72.

⁴⁴ Cf.: SOUZA, Ricardo L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos, p. 246.

de modo “direto”, propagandeia estar fazendo aquilo que a massa deseja, a tanto que a massa se vê contemplada, assim, pode-se com Arendt considerar que,

o totalitarismo jamais se contenta em governar por meio externos, ou seja, através do Estado e de uma máquina de violência; graças à sua ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho da coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente. Nesse sentido, elimina a distância entre governantes e governados e estabelece uma situação na qual o poder e o desejo de poder, tal como os entendemos, não representam papel algum ou, na melhor das hipóteses, um papel secundário. Essencialmente, o líder totalitário é nada mais e nada menos que o funcionário das massas que dirige [...] sem ele, elas não teriam representação externa e não passariam de um bando amorfo; sem a massa o líder seria uma nulidade.⁴⁵

O líder, que é um outro elemento relevante nesse sistema, entra como realização de um desejo, ele assume em si um personagem que capitaneia os desejos da massa; ele se torna um modelo para a sociedade civil; passa a ter não somente seguidores, mas uma verdadeira escola de difusores de seus ideais, sempre em harmonia com os que ele representa, essa parcela da massa contemplada em suas ações. Ele “não é um homem sedento de poder impondo aos seus governados uma vontade tirânica e arbitrária”⁴⁶, pelo contrário, ele é um “funcionário”⁴⁷ do Estado, executa o que a sociedade civil espera dele.

Com a massa, o líder forma um conjunto. Ele a contempla e ela se vê representada. O líder cria no seu entorno toda a figura de fascínio e imagem do poder. Seu perfil é de eficiência, de carisma e bem-sucedido, uma pessoa convicta de seus deveres, pelo que precisa sempre mais do apoio da multidão que o admira como líder. Há uma interdependência entre o líder e as massas. A submissão se comporta de forma recíproca, um se faz submisso ao outro, em vista do sucesso de um programa, um movimento que ocupou o governo e se tornou Estado, assim, “Hitler, que conhecia muito bem essa interdependência, exprimiu-se certa vez num discurso perante a AS: ‘tudo o que vocês são, o são através de mim; tudo o que eu sou, sou somente através de vocês’”⁴⁸. Expondo de forma cabal a profunda interpenetração e dependência relacional entre o Estado totalitário e o desejo da massa.

⁴⁵ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 455-456.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 455.

⁴⁷ Cf.: ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 455.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 456.

A imagem do líder é central no regime totalitário⁴⁹, contudo é paradoxal, pois em virtude de formar uma escola, ele se faz “facilmente” substituível, uma vez que a doutrinação reproduz muitas lideranças que lhe são altamente semelhantes. É a atomização, mas mesmo assim, a figura carismática produz no seu entorno um verdadeiro culto às suas virtudes e dedicação ao Estado. O líder se apresenta como infalível, esse princípio de liderança presente também em tiranias e ditaduras⁵⁰, passa a ser um princípio de eficiência, não se reduzindo a demagogia ou a um corpo de auxiliares, mas pelo contrário, o líder é o grande e verdadeiro comandante, há de ser forte e determinado⁵¹.

O líder é a medida de todo poder, não por uma concentração despótica, mas para o bem da nação, do povo que o quer lá. Ele se torna o intérprete de toda a realidade, tutela todas as ações, lidera com uma determinação sem igual. Tudo para garantir uma nação estável, bem integrada seja moral ou economicamente⁵². As leis passam, no Estado totalitário, por uma revisão ou total substituição, não é algo segundo o modelo da tirania ou das ditaduras, pois o líder passa a defender, pode-se até considerar que sustentado no darwinismo, uma lei natural, baseado em uma seleção qualitativa da humanidade. Ele, o líder, passa a organizar as leis segundo essa ótica e se mostra como alguém que está liderando um momento do curso da história, ainda que por meio de extermínio, seja com Hitler ou com Stálin, é um percurso histórico que obedece, de alguma maneira, a uma lei natural⁵³.

No movimento totalitário e inicialmente no governo totalitário há um recurso que é responsável pelo recrutamento da massa e pela construção da imagem do líder: a propaganda. A partir da leitura de Arendt se pode até afirmar que não há movimento

⁴⁹ Cf.: SOUZA, Ricardo L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos, p. 251.

⁵⁰ Cf.: ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 496-500.

⁵¹ A palavra que o nazismo utilizava para Hitler era a palavra **fürher** que na língua germânica quer dizer ‘condutor’, ‘líder’, ‘aquele que tem a liderança, a capacidade para conduzir’.

⁵² Cf.: VICENTE, J.J.N.B. A singularidade do totalitarismo em Hannah Arendt, p. 57.

⁵³ FERREIRA, Adelino. Do isolamento à solidão: a novidade totalitária segundo o pensamento de Hannah Arendt. Marília. **Filogênese**, v. 7, n. 1, 2014, p. 88: “O totalitarismo rompe com a estrutura tirânica e ditatorial introduzindo uma nova forma de conduzir o governo. Arendt afirma que, mais do que se mostrar um governo sem precedentes, o totalitarismo faz repensar a próprio conceito de governo (2006, p. 513). Isto se dá, pois o que está em jogo no governo totalitário não é apenas a troca de leis, a supressão de liberdades ou mesmo a perseguição aos inimigos, o domínio total se dá no âmbito do abandono total das leis nascidas pelo consenso ou mesmo pela imposição. Arendt demonstra no último capítulo da obra *Origens do Totalitarismo*, denominado *Ideologia e Terror: uma Nova Forma de Governo* que, a lei a ser executada pelo movimento não nasce dos homens, o que se quer é seguir as leis históricas ou da natureza mesmo que, para isto, os homens necessitem ser sacrificados. Tanto a vertente nazista como a stalinista não substituem as leis existentes por seus próprios códigos, o que eles entendem é que a natureza ou a história devem seguir seu caminho sem empecilhos e que, se os homens forem causa de barreira, devem ser eliminados o mais breve possível para que estas leis possam ser executadas.”

totalitário se não houver propaganda; ela é o meio de convencimento sobre o programa totalitário; ela partilha e difunde os mitos de inimigos e conspiração, além de envolver uma cadeia de mentiras que leva a população a ver no Estado totalitário a única saída de uma crise que se apresenta como fatal para a nação, isto é, para todos.

A propaganda totalitária faz necessário o Estado totalitário; ela é, “de fato, parte integrante da ‘guerra psicológica’”⁵⁴, condiciona e subjuga as mentes por meio de um bombardeamento de informações mentirosas ou distorcidas, para causar um terror na mente da população, enfim,

as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda [...]. Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda. Isso porém só é verdadeiro em parte. Quando o totalitarismo detém o controle absoluto, substitui a propaganda pela doutrinação e emprega a violência não mais para assustar o povo [...] mas para dar realidade às suas doutrinas ideológicas e às suas mentiras utilitárias.⁵⁵

O que é propagandeado tende a tornar-se uma cruel realidade, pois a propaganda que cria inimigos e cria traidores, na realidade tácita, trata de eliminá-los, de modo que,

mesmo depois de atingido o seu objetivo psicológico, o regime totalitário continua a empregar o terror; o verdadeiro drama é que ele é aplicado contra uma população já completamente subjugada. Onde o reino do terror atinge a perfeição, como nos campos de concentração, a propaganda desaparece inteiramente.⁵⁶

O fato de a propaganda inculcar medo na população é visivelmente claro, no entanto, os modos vão se encaminhando para o terror e por pior que pareça, um terror programado pelos movimentos totalitários, que são executados como violência de Estado no momento em que ocupam o poder, pois,

o que caracteriza a propaganda totalitária melhor do que as ameaças diretas e os crimes contra indivíduos é o uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras contra todos os que não derem ouvidos aos seus ensinamentos, seguidos de assassinatos em massa, perpetrado igualmente contra ‘culpados’ e ‘inocentes’.⁵⁷

⁵⁴ ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**, p. 476.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 474.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 476.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 478.

Tudo demonstra que no quesito crueldade, a propaganda totalitária não é enganosa, sendo claro que tanto no ambiente nazista, quanto comunista, a propaganda do mal era maquiada como um bem, de modo que facilmente ao lado do terror se encontrava alguma mentira que o encobria. Isso se tratando das execuções em massa e trabalhos forçados, contudo algo é certo “o movimento totalitário realmente leva a sério a sua propaganda, e essa seriedade se expressa muito mais assustadoramente na organização dos seus adeptos do que liquidação dos seus oponentes”⁵⁸.

Enfim, seriam muitos elementos que se poderia levantar como caracterização do totalitarismo a partir da leitura de Arendt, em especial na obra aqui tratada *Origens do totalitarismo*. Ela elenca muitas outras questões, no entanto, para um quadro de compreensão e até mesmo comparação com algumas expressões políticas nos dias atuais, esses elementos são demasiado relevantes: população de massa, a figura do líder e a propaganda-terror. Essas características, seja no ambiente nazista de Hitler ou comunista de Stálin, assumem um contorno diferenciado, totalizante, o que Arendt viu como uma novidade dentro do que se conhecia como tirania, ditadura e governo. Entre outros elementos esses dizem bem o que seja o totalitarismo como violência.

5. Considerações finais

A abordagem de Arendt elucidada o que foi esse regime e mesmo que o tempo entre a queda de Hitler e a escrita tenha sido breve, consegue descrever bem essa realidade. No que toca à alocação da obra em um campo do saber, surge um desafio, pois entre as narrativas históricas ela enxerta as análises, o que faz a obra transitar entre a narrativa histórica, a sociologia e a filosofia política. Talvez pela predominância do caráter narrativo falte mais problematização da ética totalitária, mas *Origens do Totalitarismo* expõe bem o que seja o totalitarismo como uma violência de Estado.

Os elementos expostos pelos comentadores se completam em Arendt, e faz parecer que de fato a tiveram como referência, contudo o que mais chama a atenção é que as características levantadas não estão longe de muitas realidades do mundo atual. Há uma verdadeira onda de massificação, hoje profundamente aperfeiçoada pela mídia, em especial pelas redes sociais. Informações inverídicas, convocações e dados distorcidos que vão gerando uma massa movida pelo ódio, mesclado de esperança; a

⁵⁸ *Ibidem*, 499.

esperança de superação de uma crise. Porém, a superação normalmente passa pela lógica do extermínio, como diz Arendt “liquidar”, é preciso liquidar aquilo que não está contemplado na ontologia do Um.

No tocante ao papel da propaganda totalitária, hoje as redes sociais e a grande mídia podem cumprir bem o papel de conquistar as massas para esse programa. Pela produção de heróis e a difamação de outros, ela tem o potencial até mesmo de elencar alguns elementos desse sistema e impô-los à sociedade. A crítica da Escola de Frankfurt, a indústria cultural, vai exatamente nessa direção, tratando da influência da mídia no mundo da política.

A mídia cria a necessidade de punições severas ao diferente. No âmbito político produz verdadeiros messias, o líder infalível do movimento totalitário; as pessoas sentem-se representadas, o maior de todos os perigos e ingenuidades. A propaganda é eficaz e produz mais que espectadores, ela produz militantes que vão às ruas sustentados pelos dados da grande mídia e esperançosos de colocarem um “salvador” no governo. Ao acontecer isso, a ideologia venceu a inteligência, o povo é uma massa amorfa.

A distinção entre tiranias e ditaduras com o totalitarismo é persistente na obra, todavia, parece-me que toda tirania e ditadura, mesmo que não chegue a um totalitarismo, traz dele algum grau, aquele da submissão voluntária. Parcela da população é conivente com o poder cruel, daí a facilidade de uma tirania ou ditadura vir a tornar-se totalitária, porque tem o líder, a massa, a propaganda e o terror que já lhe são próprios, falta o extermínio em massa, em nome de um aperfeiçoamento histórico e da lei natural. Mas é óbvio, o mais lamentável é o consentimento de parcela da população.

Mesmo considerando que a recepção de Arendt ainda seja de pouca expansão no Brasil, ela é uma pensadora que se pode contar entre os clássicos do século XX e uma valiosa referência para a reflexão política no início do século XXI. Enfim, *Origens do Totalitarismo* é uma obra bastante atual, servindo para entender muitos processos políticos e governos em nossos dias, porque demonstra os mecanismos de construção e sustentação de um Estado totalitário e seus desdobramentos violentos. Portando, ainda que hoje não se veja a implantação completa de um Estado de domínio total, pode-se encontrar alguns elementos característicos, diante disso, a obra de Arendt nos ajuda ao questionamento e posicionamento teórico e prático. Então, “pode-se dizer que Hannah

Arendt foi um dos raros expoentes da filosofia política da segunda metade do século XX”⁵⁹.

6. Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia. Totalitarismo*. São Paulo: wmfMartinsfontes, 2012.
- AGUIAR, O. A. A tipificação do totalitarismo segundo Hannah Arendt. Curitiba, São Carlos-SP. *Dois Pontos*, vol. 5, n. 2, 2008, p. 73-88.
- ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ASSY, B. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Instituto Norberto Bobbio, 2015.
- CHÂTELET, F; DUHAMEL, O; PISIER, E. *Dicionário de obras políticas*. Tradução Glória de C. Lins e Manoel Ferreira Paulino. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1993.
- COMPARATO, F. K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FERREIRA, A. Do isolamento à solidão: a novidade totalitária segundo o pensamento de Hannah Arendt. Marília. *Filogênese*, v. 7, n. 1, 2014, p. 83-94.
- LEFORT, C. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Tradução Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- OLIVEIRA, L. *10 lições sobre Hannah Arendt*, 3ª ed. Petrópolis-Rj: Vozes, 2013.
- SOUZA, R. L. Hannah Arendt e o totalitarismo: o conceito e os mortos. Vitória da Conquista. *Politeia: Hist. e Sociol.*, v. 7, n. 1, 2007, p. 243-260.
- VICENTE, J.J.N.B. Hannah Arendt: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. *Ensaio Filosóficos*, v. VI, outubro, 2012, p. 144-155.
- _____. A singularidade do totalitarismo em Hannah Arendt. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 122, 2011, p. 53-59.

⁵⁹ ASSY, Bethânia. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva; São Paulo: Instituto Norberto Bobbio, 2015, p. XIX.